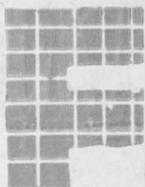


GRACIANO PREMIADO

De RUBEM BRAGA 16.2.49

(ESPECIAL PARA «O PRIMEIRO DE JANEIRO»)



DRAM afinal distribuídos os prêmios de viagem do Salão Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Ganhou a viagem à Europa, na Divisão Geral, um jovem escultor, Flory Gama, que apresenta uma

senhora montada em um fauno; e a viagem ao país coube ao pintor Camargo Freire, cujo quadro, «Vila Maria», mostra boas qualidades que poderão ser melhor apreciadas quando ele se libertar de um certo convencionalismo. A viagem ao país, da Divisão Moderna, coube ao jovem Zaque Pedro, que mostra duas paisagens e um auto-retrato de méritos indiscutíveis. A viagem à Europa coube, como era de inteira justiça, a Clóvis Graciano. As medalhas de ouro, dadas a Pancetti (pintura) e Guinard (desenho), não poderiam ser melhor distribuídas. Na realidade, a única injustiça séria, que a meu ver fez o júri, foi negar a medalha de prata a Djanira; esperemos que este ano essa interessantíssima artista seja premiada.

Coincidiu que o Maranhão teve dois prêmios de viagem — pois são maranhenses Flory Gama e Zaque Pedro. Nisso, pelo menos, não houve «pistolão» do senador Vitorino Freire... Esperemos, entretanto, que os maranhenses, agradecidos aos dois artistas que tanta honra trazem agora para aquele Estado, façam com que o Governo de São Luís acrescente alguma coisa aos prêmios dados pelo Salão.

O mesmo deveria fazer o Governo paulista com relação a Graciano, para tornar mais folgada e proveitosa a sua vida com a família na Europa. Esse neto de imigrantes é bem um caso paulista da melhor cepa. Aos 12 anos de idade, na cidade de Leme, ele começou a trabalhar numa oficina de ferreiro, ganhando cinco mil réis por mês. Picava carvão para a forja e frequentava um curso escolar. Na ferraria era preciso alguém que pintasse as carroças e trólis, e o menino Graciano tinha jeito. Depois de um certo tempo já pintava até estrelinhas e escudos para enfeitar as carruagens...

Atrás de um salário melhor foi, aos 20 anos, trabalhar como auxiliar em um posto de leite da «Nestlé», onde fazia um pouco de tudo, desde analisar o leite até lavar os latões.

Aos 21 anos arranjou um emprego na Estrada de Ferro Sorocabana. Viajava entre São Paulo e Conchas, pintando estações, porteiras, marcos de quilometragem, tabuletas, qualquer coisa. Tinha direito a um

abatimento de cinquenta por cento na compra de qualquer livro ou revista vendidos dentro dos trens da estrada. Graças a isso pôde ler muito. Em 1931 resolveu ir a Goiás e fazer concurso para agente fiscal. Foi bem classificado, mas veio 1932, e Graciano naturalmente, como todo o rapaz paulista, entrou como voluntário para um Batalhão. Caiu prisioneiro na frente de Queluz e fez a sua primeira viagem ao Rio, directamente para a Detenção.

Depois de uma passagem pela Ilha Grande foi outra vez para São Paulo, e enquanto esperava a sua nomeação para agente fiscal ficou em Leme, fazendo um jornalzinho — «O Girassol». Nomeado, foi para a capital, viu quadros de Fujita e de Portinari e começou a pintar — até então apenas desenhava um pouco.

Fez-se aluno de Valdemar da Costa; o atelier era no Teatro Municipal e desde então Graciano tomou gosto por cenários, em que hoje é um mestre.

Aos 30 anos de idade mandou pela primeira vez um quadro a um salão: o do Sindicato dos Artistas, logo seguido do 2.º Salão de Maio. Então começou a conhecer gente, a aprender mais, a ler muito, e a trabalhar na arte com tanta paixão que acabaria perdendo o seu lugar de agente fiscal, por abandono do emprego... Aguentava-se comprando e vendendo livros raros.

Em 1941 fez a sua primeira exposição individual, no Centro Paranaense, e este vosso humilde criado teve a honra de escrever a sua apresentação no catálogo. Nesse ano ganhou a medalha de ouro (pintura) e a de prata (desenho) no Salão Nacional, e desde então tem andado metido em tudo quanto é movimento de arte moderna no Brasil.

Depois do prêmio de viagem ao marinho Pancetti, esse prêmio de viagem ao ferroviário Graciano é uma coisa reconfortante num mundo de tanta injustiça.

O príncipe Hamlet dizia: «há alguma coisa de podre no Reino da Dinamarca». De muitos reinos ninguém precisa dizer isso. O que espanta, ao contrário, é que ainda haja alguma coisa de sadio. Há uma «chance» do homem de valor subir pelo trabalho, pelo sacrifício, pela coragem. Que os novos, os pobres, os oprimidos e atrapalhados pelas mil dificuldades da vida, possam sonhar um pouco e ter mais um pouco de coragem sabendo esta história de um Graciano que soube abrir caminho para a sua arte com as suas próprias mãos, essas mãos enormes, belas, fortes e limpas.